

Crítica literária

«O ANJO ANCORADO»

novela de José Cardoso Pires

quarentão, dado ao desporto da caça submarina, ao cinismo sentimental, ao desencanto. É rico e tem carro descapotável vermelho fulgurante, de boa marca. Ela é muito mais nova, formada em Letras, que são as habilitações mínimas exigidas em romance para as meninas emancipadas, amorosas, nicotizadas, algo neopagãs, mas que sabem citar poetas metafísicos, cantar em inglês, mencionar o Hegel e o Sartre a propósito das condições atmosféricas. Auto-suficientes e autopossuídas, à parte o automóvel.

O casalinho do senhor de quarenta e da menina dos vinte, segundo o bom modelo das parelhas *signé Sagan* vai até Peniche para o senhor apanhar peixes esquisitos. Falam pouco. Quem fala mais é Cardoso Pires. Chegam às rochas, o senhor mergulha e a menina fica. Anda um velhote a apanhar perdigotos e que pensa nomes feios para a menina. Há também uma donzela que faz renda de bilros e que chora em silêncio porque a menina do automóvel lhe comprou a dita renda sem levar consigo, ou coisa parecida.

Entretanto, o senhor sai da água, enxuga-se, guarda o tal peixe esquisito que caçou. A menina tem uns assomos lúbricos

sem consequências. Pede desculpa dos assomos e o senhor perdoador. Não se fala mais nisso. Voltam para Lisboa e pronto. Deus me perdoe se o episódio não é isto mais virgula menos virgula. Para 125 páginas bem defendidas e espaçadas, confessemos honestamente que é pouco. Até nisto, a Sagan dá cartas.

Escrever pouco e depressa, sob o signo dos Aston-Martín e Jaguares vermelhos, *Tristesse e Vitesse*. Ideias ou falta de ideias expressas com uma simplicidade tão esquemática, tão primitiva, que quase ficamos sem saber se é de propósito ou por falta de tempo.

Fica-se na ambiguidade, na recusa terminante em propor algo completo e definido, sem indicação de qualquer valor abstracto por onde se possam deduzir e reunir os meios adequados de julgamento. Recusa tanto mais perturbante quanto é certo que as novelas do género de «O anjo ancorado» se propõem afinal retratar problemas de comportamento moral e de convívio social, que nos atiram de chofre para os olhos. Mas fazem-no a medo, inseguros quanto às possibilidades de realização concreta.

A fuga para o idílio atípico (companheirismo), mas apesar de

tudo de raiz inegavelmente romântica, mau grado a roupagem renovada, é outro sintoma de puerilidade, não na acepção de inocência, mas de inconsistência.

A «Beat Generation» americana, réplica dos «Angrj Men» londrinos, adoptou uma divisa engraçada para o seu movimento literário: *a fast car, a coast to reach and a woman at the end of the road*. (Um carro veloz, uma costa a alcançar e uma mulher no fim da estradas).

«O anjo ancorado» tem o carro e a costa. A mulher é que encaixou, não sei se por ser anjo...

De tudo isto resulta que o episódio inventado por Cardoso Pires não me disse nada.

Faço votos para que no seu próximo livro, que já se anuncia, o autor levante âncora e navegue para águas mais profundas. É preferível correr o risco de naufrágio mas ao lema de uma embarcação caracterizadamente sua, do que ancorar no lago do Campo Grande, isto é, num espaço imaginativo limitado, estreito, sem horizontes nem riscos que valham a pena.

Ainda por cima num barquito a modos que emprestado...

Lamento não poder ser, como direi, mais «simpático» para o jovem estreante. Mas no barulho publicitário, no elogio fácil e gratuito que rodeia «O anjo ancorado», há volume suficiente para neutralizar a voz discordante de alguém que, orgulhosamente independente em seus bons ou maus juízos críticos, alheio a grupos, a tertúlias de conveniência social, procura apenas ser honesto e objectivo em tudo quanto escreve.

ALVARO CABRAL